

PRINCESA DO SUL

Avisto, da ponte, os pequenos trechos de águas passarem...
Esses trechos de águas abraçam os que ali vivem,
Abraçam os que ali nascem.
És Cachoeiro de Itapemirim!
És Cachoeiro de mim!

Vejo aqui as cores do Brasil sorrirem,
Ando por estas ruas...
Vejo estátua do "Jerônimo";
Vejo também minhas memórias partirem.

Regue os teus amores, Itapemirim!
Não se deixe ser prisioneiro, pois o tempo já passou.
Com sua alma, as dores curou,
Com sua alma, o progresso acordou!

Nasci nestas terras, senhor!
Lembro que, à Beira Rio, avistei um vendedor.
Era meu pai arrastando o corpo ao frio...
Aleijado, mostrou-me as estrelas!
O desenho, em um balão, deu-me com amor!

És Cachoeiro de Itapemirim!
És Cachoeiro de mim!
Esse pai vendedor, entre as praças, fez-me sorrir...
Mas é acaso da vida ver quem se ama partir.

Este Reino desenha o céu nublado
E ora pinta o céu de azul.
Enxugue as lágrimas e se vista de sorriso,
Que a união seja tua coroa,
Cachoeiro, Princesa do Sul!

CARLA BENINCÁ CICILIOTI

A FORÇA DOS OLHOS

quantas mortes são possíveis na vida?
duvidaria alguém triste,
despido de tempo
que não cruzou os dedos e a sorte escorreu

quantas vidas são possíveis na morte?
— o contraponto (im) possível

todas as manhãs
o pássaro assobia sem medo,
quando a folha despenca e não chora

todas as noites,
as paredes mostram uma calma morna,
quando o sol se despede sem adeus

todas as vezes em que a respiração
onipresente
se aprofunda e renova,
é possível ver a folha,
aquela mesma folha
~ l e v e ~
se grudar à terra com todas as forças

há inúmeras vidas
além do que cai

SABRINA DALBELO

POESIA DE BOLSO

[Meia dúzia de letrinhas, gin, flores e sádica inspiração para o verbo]

O velho, que não era velho, queria ser poeta.
Poeta dos sonhos, das estrelas e, quem sabe,
Lograr o mundo meu com a mais bela meta
Podendo enfiar no azul infinito que mal lhe cabe!

Newton inventou uma nova felicidade-poesia.
Cheia de cores trazidas nos sons de cada verso,
Dançando em folgado por alva e silente fantasia
De encontro desmarcado com a vã dor-reverso.

Cachoeiro, bom de prosa e com sorriso largo,
Jeitão de interiorano, afeito ao amor angelical,
Que prova ou já provou do casto gosto amargo
D' algum antigo namoro desmanchado pá de cal.

Uma <palavra só> não basta para renomear
Esta ou aquela mulher luzida no seu olhar,
Quer bem, quer mal, tida como diva-lembrança.

O cantador canta todo encanto da cantada,
Levantando o riso da moçada entusiasmada
À espera de um pequeno fiapo de esperança.

THIAGO VALERIANO BRAGA

CACHOEIRO: REMINISCÊNCIAS

Não te conto tal qual o cronista que,
na tessitura de tão aclamadas linhas
como secreta capital, marcou teu nome.

Este calor, que hoje me envolve,
faz transbordar da ambígua memória
polissêmicas lembranças infanto-juvenis.

Sob o olhar de minerados montes,
outrora iludida pelo falso fausto de granito,
corre tua gente saudosa de prósperos anos.

Meu Cachoeiro, pequeno não era mais.
Fez-se refúgio do interior
cujas gentes do café enviuvaram.

Pelas ruas ainda andam nenéns?
Foram-se as marias em busca de gasolina e,
até, o Moringueiro, supostamente, enricado.

Pare, olhe, escute: mas não é o trem
que vem de cruzar a Ponte de Ferro,
são a 26 de julho e o Liceu com destras balizas.

Do rádio velho, em mãos idosas, ecoa um som vibrante.
Anuncia o doutor locutor:
Hoje é dia de futebol!

Em saudosas gramas, desfilam sonhos.
No Ouro Branco, como um doce chocolate,
Em Sumaré, uma Estrela quer ser gigante.

O Bernardino, agora, feito Palácio,
em magníficas linhas clássicas,
cultiva o futuro da desigual cidade.

Tudo tem, porém, um fim que, em teu caso,
não se dá no antigo cemitério, pelas mãos
do soturno coveiro Ariosvaldo Monteiro.

Na ladeira da rodoviária, prendo o choro.
Não olho para trás, parto sem mãe.
Nasci para o mundo.

TIAGO CAMILLO

LIÇÕES DE UM POETA

Nascendo nas letras,
Palavras libertam,
Viram versos,
Que vivem e despertam

Amores e paixões.
Estradas feridas,
Caminhando no mundo,
Transformando vidas,

Encarando barreiras,
Enfrentando a maldade.
Não temendo o tempo,
Ecoa a fraternidade,

Ganhando, assim, asas,
Feito pássaro livre,
Defendendo sua terra,
Seu povo humilde.

Neste mundo ilustrado,
Um lirismo perdido,
Estrela do Norte,
Nunca será esquecido.

Nas Histórias de Cachoeiro,
Na cidade do interior,
Poesias e Prosas,
Relatos de amor.

Todos em um só,
A mensagem que liberta,
Mensageiro dos sonhos,
Lições de um poeta.

ROBINSON SILVA

BANDA EM REVERÊNCIA

No retumbar dos bumbos,
As baquetas giravam sozinhas...
Era a banda do Liceu chegando,
Já saudando as bandas vizinhas!

A espera era de um ano
Até a festa da cidade.
Nossa banda e seus dobrados
Traziam-nos a felicidade.

Quando na praça adentrava,
Muitos olhos marejavam.
Para muitos, era saudade
Dos tempos que desfilavam.

Cabo Taveira ia à frente
E os músicos em fileiras.
Para ornar, lindas balizas
E um pelotão de bandeiras.

Para a frente do palanque
As mais lindas evoluções.
Era o momento de exhibir
Coreografias e belas canções.

Tudo isso para homenagear
Aquele que foi pioneiro:
O poeta maior, Newton Braga,
Criador do Dia de Cachoeiro.

LENILCE PONTINI

UM FILHO DE CACHOEIRO

Numa manhã de agosto,
Um caju aparecia.
Como já é sabido,
Ele todos contradiria.
Enfrentando os obstáculos,
Não se acomodaria.
Jornalista, poeta, escritor,
Em causa própria, advogaria.
Mas isso não é tudo.
Muito mais ele faria.
Sendo irmão do Ruben,
Não desapontaria.
Com a caneta na mão,
Sua cidade homenagearia
E, para festividade,
De junho, escolheu um dia.
Esse filho de Francisco
Tanto cresceu,
Que na fazenda não cabia.
Viajou por mais estados,
Crescendo em diplomacia,
Mas voltou a sua cidade.
Em Cachoeiro, morria...
Seu coração parou,
Enquanto um livro lia.
A cidade acordou,
Na cinza melancolia.
Nessa data, na qual
um conterrâneo perecia,
Deixando, para trás,
Bons motivos de alegria.
Mas o povo da cidade
Não se conformaria.
Em um cortejo colossal,
Em prantos acompanharia
O Newton Braga,
Na derradeira moradia.

VALOLI VIEIRA

DA FAZENDA FRADE À ETERNIDADE

– Em busca de seu lirismo perdido, ó, Braga,
Naveguei, destemido, em mar revolto.
Busquei, nos jornais e nos gritos de gol,
Entrelinhas do mestre Ribeiro Couto.

Serpentei por entre as teclas datilográficas.
Curioso, sondei seus pontos, vírgulas e
Descansei num travesseiro de versos seus.
Ali, meu sono pesado penou às madrugadas.
Acordei na capital secreta do mundo
E, lá,
Já não estavas.

[Rima cretina, sina cruel:
De seu ventre, centenas de versos
E outros três do ventre de Isabel.]

– Em busca de seu lirismo perdido, ó, Braga,
Vaguei nos pretéritos daqui e acolá.
Cansado da lida, o que me sobrou
Foi o doce lamento doutro sabiá.

MARCOS JOSÉ BUBACH

DANÇAS NA POESIA

Dançam palavras ao vento,
Voam sílabas aladas pelos ares
Em busca de novo alento
E de santos alegres para os altares.

Na dança das palavras loucas,
As frases sofrem todos os falares,
Mas ficam os santos bem serenos,
Pois tiveram, em vida, os seus azares.

Despencam as sílabas nos voos,
Liberam as lágrimas de seus pesares.
Já não vivem felizes os pensadores,
Nem liberam os poetas novos cantares.

Dançam substantivos e verbos,
Afogam-se os adjetivos nos mares.
Pobres conjunções e advérbios,
Mal aliados a muitos penares!

Na eterna confusão dos versos,
Rimando em pobres e fracos pares,
Restam apenas resquícios da arte,
Exaltada nos antigos e felizes lares.

A água da poesia verte da fonte
Para irrigar a alegria dos pomares.
Poemas são árvores frutíferas
Onde cantam os sabiás aos milhares.

Credos, crenças, crias, cruezas;
Misérias, medos, lautos manjares;
Letras, lutas, limbos, loucuras;
Os bêbados sustentam os bares.

ROQUE ALOISIO WESCHENFELDER

O DOCE DESTA PELE QUE ME ABRAÇA

Não sei dançar.
Sou 1,80m de pura falta de jeito.
Eu bebo, eu fumo, eu tento.
Espero o efeito,
Suave ou turbulento,
Sou ridiculamente imperfeito
Nos meus risíveis movimentos.

Não sei dançar,
Sou 1,80m de puro amor e desejo.
Ela veio de longe, dona do meu sentimento
Refletir nos olhos gigantes que agora vejo.
O meu sorriso de prazer e contentamento.
Nesta dança, ela me guia e me dá o ensejo
De amar pra sempre, nesse curto momento.

Não sei dançar.
Quero mesmo é o peito dela no meu peito.
Esperei por tanto tempo...
No abraço dela, eu me ajeito,
No toque sensual e lento.
De cada segundo, eu me aproveito.
Ela é ternura, tesão e alento.

RONALDO DÓRIA

O JORNALEIRO E A LAVADEIRA

Não tinha ambições desvairadas, o anônimo jornalista,
O desgraçado adolescente
Que, com resignação quase bovina,
Já se acostumara a sofrer.
Iludido, desconhecia suas misérias.
Então, ouviu a cantiga da lavadeira
E começou a pôr alma nas coisas:
Via beleza no seu rosto,
Lirismo nos seus gestos.
Era pobre e cansada,
Mas, aos olhos do jornalista, mudava.

Uma vez, tomou as mãos dela
E, pousando seus olhos nos dela,
Disse, docemente e com sinceridade,
Que ela não lhe era indispensável,
Mas lhe fazia bem
E ele sentiria se ela partisse.
Ela o odiou e não mais o quis.
Ele não mais a quis, quis esquecê-la,
Mas amada de poeta é eterna,
Pois o sofrimento, através da arte,
A diferenciava de todas as mulheres.

Então, certo dia, por acaso,
O jornalista viu, de novo, a lavadeira,
Algemada a outro destino.
Um pequenino detalhe qualquer reacendeu, por um momento,
A memória de outros tempos.
- Cadê aquela coragem,
Aquele ligeireza de gestos,
Aquele ousadia?
Quem te fez tão outro assim?

Ele ia responder com o nome dela,
Mas respondeu apenas: a vida.
Na noite morta,
Fria,
Com um violão insistente,
Em uma toada triste,
Que errava no ar
E vinha direta,
Doente,
Insistia a saudade
Em envenenar a alma dele!

DAVID EHRLICH

PAIXÃO DE CACHOEIRO

Nem todas as mulheres do mundo poderiam me fazer esquecer
Aquela que percorreu comigo os caminhos da América Latina
E as cachoeiras de um Brasil encantado.
Sonhei que íamos casar com o universo,

Mas o que era amor para mim,
Era paixão para ela
E suas paixões não eram meus amores.

Ela era poesia
E eu todo prosa,
Por amá-la como um livro para um escritor.

A maior felicidade que tive foi encontrar minha liberdade nela,
Porém, nada é inseparável nas vielas mundanas,

Nos entretantos, tudo acaba,
Entre tantas, foi logo ela,
Logo ela...

Bizarrice imensa
Ser filho de coisa tão intensa
Fez o tempo insistir em sua inexistência.

Quero sal na comida,
A pressão está baixa.

Onde estaria minha joia?
Como poderia eu redefinir o impossível?
Quis namorar o improvável.

Como transeunte dilacerado,
Fui em busca de fraternidade.
Pedi ajuda ao mendigo e fui acolhido.
Ouviu minhas declamações ao lado de seu fiel cão.
O jornaleiro me ofereceu uma revista,
Quando me viu sem vida.

O vendedor, tão solidário,
Disse que aquele era um mal diário
E ali tinha, para mim,
Um novo coração.

ALVARO TALLARICO

O BORBULHO DAS ÁGUAS

Fatiar a água
e a servir aos poucos, em pedaços...
Agarrar o tempo sob os braços e o adular,
enternecido como se afaga um filho
ao som de um estribilho de ninar...
Fatiar a água
e a servir ao ponto, em porções...
Celebrar o instante em banho-maria:
reservar, no mais sublime dos corações,
o calor de dois corpos que se atraem
na mais frenética paixão...
Fatiar a água
e a tornar sublime, feito hóstia...
E, ao comer o próprio corpo,
sorver-lhe a primazia da alma:
enxergar, na revelação do fugaz,
a transitoriedade da vida
em seu ápice de concretude.
Fatiar a água
e a assentar, ainda incandescente,
por entre as labaredas do fogo que arde.
Dominar, na fervura, os desejos do corpo:
Traduzir, em gestos nus e frementes,
o âmago da ansiedade candente.
Fatiar a água
e a conduzir em carruagens-origami
pelas galáxias infindáveis do universo...
Tocar na razão de todas formas de vida
e a traduzir sem meias palavras:
trincar o passado...ruir o presente...
e reinventar o Avatar do novo futuro.
Fatiar a água
e a esculpir como um barco-navegante
aos misteriosos mares de si mesmo:
seguir avante à terra dos homens dignos,
à espraiada da inocência e compreensão,
rumo ao país de todos os amores!...

CELSO LOPES

SÓ A POESIA

Lágrimas a ecoar a dor interna escoada pela face.
Esbravejar por direitos sem deveres,
pobre nação sem cidadão nem classe.
O coração está combalido e sem poderes.

De versos rimados, em trovas, apaixonados,
De versos livres rebeldes, sem métrica, distopia,
Só a poesia compreende cada palavra dos poetas cansados.
Intensa e inebriada de sentimentos do coração em entropia.

O verso guarda o segredo mais obscuro
feito o arrebol que se desmancha no horizonte.
Do passado na memória ao sonho de um futuro,
a esperança na vida é sua inesgotável fonte.

Só a poesia exime, como bruma, livre nos cativa,
eterna, escrita e lida no mundo a empatia.
Só a poesia resiste para existir, como palavra viva,
e transformar o mundo, com lirismo, em perfeita harmonia.

AGNES NAGASHIMA

PALAVRAS NÃO DITAS

Fui ensinada a desconfiar
Até mesmo de mim

O não dito também aconteceu
Os limites das palavras
Nem tudo captam

Os que se fecham ao indizível
Se beneficiam do seu esquecimento

Os limites das palavras
Que habitam a mente
Levam à d-e-s-l-e-g-i-t-i-m-a-ç-ã-o
Do que se sente

O que não foi visto, foi ouvido
Nunca se esquecem os olhos que ouvem
Das imagens projetadas
Dos gritos reprimidos

Que escolhas tomaram aqueles que não ouviram
O que estava bem diante de seus olhos?
Bem abaixo de seus narizes?

Bigodes imundos farfalham migalhas
Sobre os que restam

O que não foi escutado
Ainda assim foi dito
Sussurros murmuram súplicas
Inatendíveis
Aos ouvidos dos que não podem mover-se

Aguardam o retorno manso, acanhado
E-n-g-a-t-i-n-h-a-d-o
Culpado
Descrente, lunática
Perfeitamente enquadrável no laudo
Retórico

Asfixiadas as esperanças de sucesso
O ar rarefeito provoca competições
Indevidas
Com aquelas que sofrem

Inescutáveis

Quando se impõem as paredes duras de concreto entre nós
E o silêncio úmido cala
Afasta
Reprime o abraço quente

Que reconhece a semelhança

Já estive aí

Te vejo

Melhor seria se gritássemos juntas.

YARA MARTINELLI

TEU RETRATO EM MIM

Ainda tenho comigo
exposto numa estante
aquele luminoso retrato
que fizeste de
minha triste figura

– apesar de eu já
não ser mais
o mesmo
nem mais dispor
da tua mão
que outrora
rabiscava o gozo
em meu corpo
tatuado de espinhas

Pois o que
ficou de ti
não foi o
mel agridoce
da saudade
tampouco o
tempero amargo
do rancor

Permanece tu mesma
em mim
em teu traço
claro e simples
vestígio de outra Era
de outra antiga
e bela vila
onde, um dia, vivemos
e da qual partimos
sem olhar pra trás

LUCAS GUIMARÃES SCHUINA

ESPECTRO DIVINO

Retira, do silêncio, a poesia,
O vate, pulcro mágico do verso,
Tornando o mundo um globo de magia,
Reinado infindo – Ó, lírico universo!

As densas nuvens da melancolia,
O pranto sufocado, tão diverso,
E a paz, com os requintes de alegria,
São forças de um fenômeno disperso!

Modesto ator, vital protagonismo,
Que vence, eternamente, o antagonismo
Com a presença da maior ausência.

Sorri voando pelo próprio abismo,
Voa sorrindo pelo mecanismo
Peculiar de Iluminada Essência!

Arthur Santíssimo

RICARDO DE SALES

PARA AONDE VAI O NÃO CORRESPONDIDO, SE O OBJETO AMADO NÃO FALA?

Entre discursos e intrigas,
Nunca sei se falo com o outro ou falo comigo.
Se sou a partir de sua visível carcaça
ou se a consumo, simplesmente, para dominar minha própria existência.

As palavras não são loucas o suficiente para carregarem, em si,
a minuciosidade grandiosa do amor.
Existe aí uma tenebrosa pegadinha:
O afastamento monumental entre a completude dita
E o esvaziado sentido,
A felicidade da ausência.
Prova viva de que a palavra diz tudo
Menos o nada.

Assimétrico e defeituoso,
O rei do excesso e da transgressão,
Nós o criamos.
Criamos, também, seu algoz.
Tudo que é absoluto aniquila o amor.
É essa totalidade insaciável e insuficiente
Que todas as palavras do dicionário têm em si impregnadas.

.
Mas, pode uma criação nossa
ser sem nós?
Conseguiria o amor percorrer os vastos campos, livre,
Mesmo sem um peito para repousar a cabeça ao final da tarde?
Estaria o amor, insistente e tempestuoso, disposto a encarar o abismo da existência,
Não por sacrifício,
Mas por ...
Por quê?

Consegue o amor correr sem nós?
Ouvir sem nós?
Querer sem nós?

Ele sufoca
Por nós.
Colide.
Esmaga.
Rasga.
Sem nós,
Consegue o amor machucar?

MA LOFUTO

EUFEMISMOS PÓSTUMOS DE NEWTON BRAGA

Onde meu corpo dorme

O sono indesejado, deveria haver um epitáfio: “Aqui, as flores nascem

Porque a poesia

Já não pode

E as lágrimas do sol

Irrigam essas pétalas que trazem impressas

O silêncio do pó”.

FELICIO OSCAR DELEPRANI

ESTRADA PARA MIM

Na noite morta, me desfiz em pranto poético.

Das lágrimas, formaram-se as letras, apinhadas a riscarem a alva página num Canto de Glória dos eternos solitários.

Chorar era o único verbo presente na madrugada.

Decantei-me de mim, numa expressa poesia, olhei para as estrelas aglomeradas a me fitarem.

Pensei, com pesar, na minha dor e lembrei que as mesmas iluminavam as noites de quem estava a dormir ao relento das calçadas.

Lamentei meu nefasto egoísmo humano, mas o mundo não me interessava, eu também era miserável.

Enquanto meu corpo repousava numa cama limpa de cetim, minha mente encontrava-se vagando numa rua suja à beira do esgoto.

Nessa insistência da saudade, percebi já ter esquecido minha voz, cheiro e imagem e vivia, desde a infância, ansiando minha volta, pois sabia que havia deixado-me, como um cão rejeitado, em alguma rua desconhecida do mundo.

E então, certo dia, por acaso, parafraseando Newton Braga, nós nos veremos de novo, eu e eu mesmo, frente a frente, na estrada de um verso vão, perdidos nas páginas amareladas do caderno de algum poeta desconhecido.

MARIA GABRIELA CARDOSO